

## CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NA ILHA DA GALHETA DE DENTRO E DE FORA, VITÓRIA (ES)

**Vinicius Rocha Leite<sup>1,2</sup>, Paulo Pinheiro Rodrigues<sup>1</sup>, Tatiana da Silva Lopes<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Instituto ECOMARIS/Gestão Costeira, Rua Renato Nascimento Daher Carneiro, n.780/230, edifício Delacroix, Vitória-ES, ecomaris@ecomaris.org.br

<sup>2</sup>Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo/Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais, Av. Carlos Lindemberg s/n, Jerônimo Monteiro-ES, costalongaflorestal@gmail.com

<sup>3</sup>Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo/Programa de Pós-Graduação em Produção Vegetal, Alto Universitário s/n, Alegre-ES, tatilopes\_bio@hotmail.com

**Resumo-** Pouco se tem realizado quanto à preservação das ilhas costeiras do município de Vitória, estado do Espírito Santo. Programas conservacionistas são urgentes na região, pois devido à destruição constante dos ambientes naturais, tem se tornado necessário a proteção das áreas remanescentes. As Ilhas Galheta, assim como outras ilhas do município, têm um histórico de grave esquecimento. Objetivando melhorar as condições ambientais nas Ilhas Galheta, foi executado um trabalho de gestão, envolvendo a fiscalização, a limpeza e o beneficiamento do resíduo gerado com as conchas do mexilhão *Perna perna*, promovendo as condições necessárias para um futuro trabalho de manejo e enriquecimento da vegetação. O lixo coletado era proveniente de diversas naturezas. A ocupação de catadores de sururu na Ilha da Galheta de Dentro por cerca de um ano, causou o maior volume de deposição de conchas no histórico das ilhas. A falta de fiscalização conjunta por parte dos órgãos públicos foi a maior responsável por essa problemática.

**Palavras-chave:** Ilhas Costeiras, Poluição, Conservação, Gestão Ambiental

**Área do Conhecimento:** Oceanografia

### Introdução

A insuficiência de áreas protegidas, e a carência de infra-estrutura para efetivá-las revelam o quadro atual do gerenciamento marinho costeiro do Brasil (AMARAL e JABLONSKI, 2005). Há a necessidade de melhoria nos planos, propostas e concreta fiscalização da zona costeira, designada na legislação como Área de Preservação Permanente.

Apesar das inúmeras bases legais que contemplam o uso e a proteção dos recursos naturais na zona costeira brasileira, a situação predominante é gerada principalmente pelo descaso das autoridades competentes, ameaçando ecossistemas e comunidades que deles dependem (SILVA et al., 2000).

Os estados costeiros do Brasil apresentam uma extrema carência de gestão (SILVA, 2000). Problemas no cumprimento da constituição podem agravar a situação de conservação da faixa litorânea.

A situação das ilhas costeiras em Vitória-ES remonta a falta de fiscalização e educação ambiental, o que tem promovido a supressão da vegetação e da qualidade ambiental desses remanescentes. Desta forma, visando implantar um programa piloto de conservação nas Ilhas Galheta, foi executado esse trabalho de gestão ambiental.

### Metodologia

Inúmeras ilhas de diferentes extensões fazem parte do território capixaba. Entre as quatro divisões em grupos conforme Moraes (2004), as Ilhas da Galheta de Dentro e de Fora (Figura 1), se encontram inseridas na entrada da Baía de Vitória. A Ilha da Galheta de Dentro possui dois cordões arenosos, formando praias.

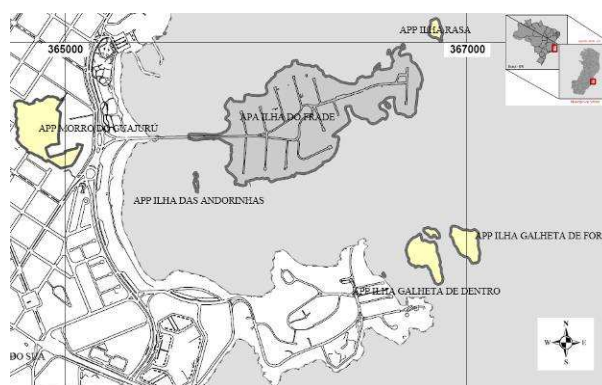


Figura 1 - Localização geográfica da área de estudo no município de Vitória-ES. Modificado de (SEMMAM / NIG). Fonte: Aquaconsult (1991).

Conforme Nimer (1972) a região analisada tem clima classificado como quente superúmido, com seca ou subseca.

Para a retirada dos catadores de sururu (*Perna perna*), que ocupavam a Ilha da Galheta de Dentro

em parte do ano de 2006 a 2007, foi informado ao órgão de fiscalização da Prefeitura Municipal de Vitória sobre a situação, solicitando medidas urgentes.

Posteriormente a retirada dos catadores da ilha, duas placas com informações e restrições ao visitar as ilhas foram instaladas.

Os resíduos deixados pelos catadores foram sem exceção recolhidos com o uso de embarcação, ou incinerados no próprio local, sendo elevada a quantidade de lixo. Parte do depósito de conchas do mexilhão *Perna perna*, coletado pela comunidade tradicional local, foi beneficiado na própria ilha ou levado ao continente com auxílio de embarcação a motor.

A outra porção das conchas foi espalhada com o auxílio de enxada e pá sobre o solo, realizando ainda a construção de uma trilha de conchas sobrepostas com cerca de 1 metro de largura, cercada com pedras, visando o controle da erosão.

## Resultados

Em conjunto com a Polícia Ambiental, e após determinado período de aviso da ocupação ilegal nas ilhas, a Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Vitória executou o trabalho de fiscalização e retirada dos catadores.

Logo após a saída dos catadores da ilha de dentro, foram instaladas duas placas (Figura 2) (Figura 3), sendo uma em cada ilha.



Figura 2 - Modelo de placa fixado no território da APP Ilha da Galheta de Dentro, Vitória-ES. 1,10 x 0,55 m



Figura 3 - Modelo de placa fixado no território da APP Ilha da Galheta de Fora, Vitória-ES. 1,10 x 0,55 m.

Diversos eram os tipos de resíduos, principalmente na ilha de dentro, constituídos em grande número por lonas plásticas, lenha trazida do continente, latões de tintas utilizados para o cozimento do mexilhão, bandejas plásticas, garrafas de vidro, latas de alumínio, garrafas pet e o resíduo ambiental gerado pelo depósito de conchas de sururu. Durante um pedido de auxílio para limpeza das ilhas, a ser executada pela empresa que presta esse tipo de serviço para a Prefeitura Municipal de Vitória, foi negado o apoio.

Os locais que podem ser considerados como os que realmente foram utilizados para despejo das conchas na ilha de dentro são identificados em quatro trechos na parte baixa da ilha na praia maior, sendo o principal, um depósito recente situado ao lado do local ocupado pelos catadores. A deposição mais recente foi produzida entre 2006 a 2007 após cerca de um ano de ocupação e trabalho diário do grupo de catadores de sururu (*Perna perna*) que ocupava e foi retirado da ilha.

Em dois locais, a quantidade de conchas era pouca, estando soterrando diretamente a vegetação, como uma população de *Bromelia antiacantha* vivaz. No entanto, nos outros dois trechos próximos entre si, havia uma extensa deposição, sendo uma mais recente e maior citada acima, e a outra mais antiga, já degradada fisicamente com o tempo, que era ocupada no passado principalmente por uma população de *Cereus fernabucensis*.

Um sulco contínuo no trecho ocupado pelos catadores, desde a rocha até próximo a areia da praia foi formado pela chuva e pisoteio constante, provocando erosão no solo pela falta da cobertura vegetal. O solo estava sendo carreado e era necessário um rápido recobrimento da área. Como havia o extenso depósito de conchas, utilizou-se uma técnica atual, planejada para recomposição de áreas com alta restrição a regeneração natural, e conhecida atualmente por práticas que utilizam material biodegradável, constituindo a Engenharia Naturalística.

Deste modo, foram agrupadas as conchas cercadas com pedras para cobrir parte do solo, formando uma trilha acima do sulco gerado pela erosão, servindo como um corretor fluvial, e indicando uma possível passagem futura para interpretação biológica na Educação Ambiental. Após a ocorrência de chuvas verificou-se a retenção da areia, que cobriu a trilha.

## Discussão

O lixo contido em grande quantidade foi acumulado durante todo o histórico das ilhas Galheta, na ação constante do trabalho dos catadores de sururu, pescadores, e turistas visitantes, que levam principalmente garrafas plásticas. A parceria solicitada a Prefeitura, se

constituiria no envio de funcionários da limpeza, para recolhimento do lixo e de parte das conchas de sururu. A alegação da empresa era a de que seu contrato com o município abrangia apenas as vias públicas.

Um estudo importante, utilizado para diagnosticar a presença humana na Ilha do Boqueirão, próxima a área aqui investigada, foi executado por Rodrigues e Leite (2008). Este trabalho que consistiu na análise do perfil de visitantes da ilha, provavelmente seria uma excelente ferramenta de aplicação para gestão das ilhas aqui estudadas.

Os autores delimitaram o passeio como motivo de visitaçao mais freqüente, confirmando a eficácia deste método de estudo, para o cumprimento das normas por parte dos visitantes quando sob fiscalizaçao, sendo o recomendado, a adequaçao do perfil dos visitantes aos planos e metas de conservaçao.

A comunidade tradicional da região, que trabalha com o beneficiamento do mexilhão, envolvida nesta problemática, foi estudada por Rodrigues et al. (2005). A região de coleta do sururu engloba os costões rochosos das Ilhas Galheta e Ilha do Boi.

Foi constatada na análise uma precariedade nos meios de trabalho e social dos catadores, devido à falta de higiene, sendo possível a existência de contaminação do mexilhão no processo de cozimento. Mesmo após tentativas de ordenamento da comunidade, e realização de ações prioritárias, com o decorrer da falta de envolvimento social e político, houve o fracasso na mobilização e organização dos catadores.

Após determinado tempo as placas instaladas nas ilhas foram depredadas, revelando que nenhum tipo de fiscalizaçao opera por ali, como é de dever do órgão municipal. Atualmente as mesmas se encontram sem armaçao e em estado precário, havendo a necessidade de reforma ou substituiçao.

O manejo e a readequaçao realizada com as conchas constituíram uma boa forma de permitir melhores condições para o avanço da vegetaçao suprimida. Além do procedimento de espalhar as conchas ter sido importante, o uso estrutural dado para correçao da erosão teve resultados rápidos. O solo da ilha, proveniente principalmente da decomposiçao da rocha, foi impedido do carreamento para as partes mais baixas quando em dias chuvosos.

Contudo, apesar da capacidade de retenção do sedimento pela adequaçao dada as conchas, o trabalho que vise esta prática deve ser constantemente monitorado, pois após as chuvas, as conchas são cobertas rapidamente, sendo necessário complementar freqüentemente a quantidade de conchas sobre os locais erodidos,

havendo rápida degradação das conchas quando entre o solo.

## Conclusão

O trabalho de manejo ambiental executado permitiu o início da regeneraçao da vegetaçao no trecho afetado. As conchas do mexilhão empilhadas sobre a vegetaçao, e o pisoteio constante pelos catadores, provocaram limitaçoes drásticas para o crescimento de importantes espécies vegetais da Restinga. O grande descaso do órgão público municipal observado durante as tramitaçoes agravou o andamento dos trabalhos. A conservaçao dos ambientes litorâneos deve ocorrer pela parceria entre os diversos representantes das esferas envolvidas, e não apenas das instituiçoes de pesquisa e ensino.

## Referências

- AMARAL, A.C.; JABLONSKI, S. Conservaçao da biodiversidade marinha e costeira no Brasil. **Megadiversidade**. V.1, n.1, p.43-51, 2005.
- MORAES, C. Geografia do Espírito Santo. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2004.
- NIMER, E. Climatologia da região sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia** V. 34, p. 3-48, 1972.
- RODRIGUES, P.P.; LEITE, V.R. Controle da visitaçao no arquipélago de Itatiaia, Vila Velha/ES: uma ferramenta para a gestão sustentável de ilhas costeiras. VIII Encontro Latino Americano de Pós Graduaçao – Universidade Vale do Paraíba – UNIVAP, 2008.
- RODRIGUES, P.P.; NEGRELLI, G.M.; OLIVEIRA, B.L.; MACHADO, K.M. Projeto sururu - Descrição e ordenamento da pesca artesanal de mexilhão (*Perna perna*) na Ilha do Boi, Ilhas Galhetas e Ilha do Frade, Vitória/ES. II Congresso Brasileiro de Oceanografia e XVII Semana Nacional de Oceanografia. Vitória, 2005.
- SILVA, A.B. Análise ambiental e tutela do meio ambiente na zona costeira. Dissertaçao (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo, 2000
- SILVA, A.B.; SCHAEFFER-NOVELLI, Y.; CARVALHO, E.A. Conservaçao dos recursos costeiros no Brasil: o que falta?. In: ACIESP-SP (orgs.) Anais do V Simpósio de Ecossistemas Brasileiros: Conservaçao. V.3, ACIESP, São Paulo, 2000.